

TERROR NOS HIMALAIAS

MUHAMMAD FAROOQ

Entre eles e a morte, só uma frágil escada de corda e um jovem corajoso.

DEBRUÇADO sobre a fogueira que crepitava, Muhammad Faqir jazia sentado em silêncio no aconchego da tenda, enquanto os outros em redor entoavam canções. Homem rijo, de 39 anos, ele não prestava atenção naquilo pois estava preocupado.

Nos seus 22 anos de exército no Paquistão, Faqir subira ao posto de oficial júnior comissionado e ganhara a confiança de seus homens. Mas agora não sabia como assegurar o futuro dos seis filhos com o soldo que recebia. Seu sonho era comprar um pedaço de terra transmissível a seus descendentes de geração em geração.

A chuva que martelava a lona da tenda interrompeu-lhe os pensamentos. Há dias que cargas-d'água incessantes mantinham os 65 homens sob suas ordens e a ele próprio prisioneiros em Nekrun, um ponto elevado dos Himalaias. Todos os verões, muladeiros sob o comando de Muahmmad Faqir distribuían mantimentos às tropas entrincheiradas ao longo da fronteira montanhosa do Paquistão com a Índia e depois acampavam na estreita garganta do rio Neelum, numa ponta de terra sombreada por altos pinheiros e salgueiros. A poucas centenas de metros havia uma clínica médica e uma unidade de milicianos permanentemente estacionada ali. Naquela terça-feira, 8 de setembro de 1992, os homens de Faqir já corriam contra a neve, que não tardaria a cobrir os picos mais altos.

«Por que essa chuva não pára?», perguntava-se exasperado o oficial.

Numa barraca próxima, Ghulam Hussain, de 38 anos, jogava gamão. Esse gorducho seleiro era dos «da velha guarda», e os mais jovens foram lhe pedir opinião. «Diga para nós, 'tio', quando acha que essa chuva vai parar?», perguntou um deles, dando

sinais de nervosismo. «Não se preocupe com isso», tranqüilizou-o Hussain. «Sempre choveu e vai continuar chovendo.»

O que nenhum deles podia saber é que lá no alto, rio acima, começara a formar-se uma grande enxurrada. As chuvas torrenciais estavam transformando os rios em fortes torrentes. Naquele momento, a água enfurecida já corria em direção ao acampamento.

QUARTA-FEIRA, antes do amanhecer. Muhammad Nazir, um jovem sentinela, tiritando de frio, perscrutou a escuridão por entre as bâtegas de chuva e viu que o rio começara a avançar sobre a planície situada entre o acampamento e a ribanceira íngreme onde ficava a clínica. Tentou não se preocupar. Afinal, os mais velhos tinham dito que a situação nada tinha de anormal. Além disso, ele próprio tinha outras preocupações. Como primogênito, esse tranqüilo jovem de 26 anos e olhar sério esforçava-se para sustentar nove irmãos e uma irmã, assim como sua mãe. «Procuro abrigo junto a Deus, senhor da humanidade», começou ele a rezar em silêncio.

Às 5.30, os homens foram despertados pelos gritos alarmantes de Nazir e das outras sentinelas. «Estamos ilhados!», exclamou Muhammad Faqir em sobressalto. A torrente descera até o acampamento e a ponta de terra se transformara numa ilha afastada da margem por cerca de 40 m de água em tumulto. Troncos de 1 t ou mais, arrancados das

vertentes da montanha acima do rio, eram arremessados como fósforos por ondas de mais de 1 m de altura. Vencer a corrente a nado estava fora de questão.

Um grupo de milicianos se reuniu na margem. Entre eles, encontrava-se um jovem de 25 anos, magro e de olhar profundo, de nome Chaudhry Saddique. Nos últimos seis anos, ele prestara serviço ali nas montanhas do Norte, não muito distante da aldeia onde nascera. Seu sonho secreto era entrar para a força de elite dos comandos paquistaneses. Mas ele e os outros milicianos pouco podiam fazer.

Através do telefone de campanha, o comandante de Saddique, major Azim Khan, explicava naquele preciso momento ao líder dos muladeiros que ele não tinha em mãos equipamentos refinados de resgate e que qualquer barco de salvamento acabaria esmagado pelos troncos.

Faqir pousou o fone no gancho e ordenou aos homens que reinstalassem suas tendas numa elevação no centro da ilha. A outros, mandou-os empilhar troncos ao redor das árvores de forma a construir um molhe improvisado. Disse aos restantes que amarrassem cordas fortes entre as árvores e que deixassem algumas pendentes.

5 horas. Como um presságio aterrador, animais mortos e destroços de casas e de pontes rodopiavam na lama negra do Neelum. O rio foi subindo sem parar, até que se ouviram gritos de pânico dos soldados que subiam em cima de selas empi-

lhadas, em pedras e nos cochos, emborcados, das mulas. Faqir viu que a situação era crítica. «Precisamos nos salvar!», gritou.

Alguns correram como flechas para os pinheiros que atingiam cerca de 30 m de altura; outros para os salgueiros, em cuja galharia densa era mais fácil de subir. Faqir amarrou-se com uma corda ao tronco do pinheiro mais alto. Ficaria no solo até todos os seus homens se encontrarem em segurança nas árvores, embora a água já começasse a cobrir-lhe as pernas.

Ghulam Hussain pegou num cobertor e correu para as árvores. Receava não ser capaz de subir até algum galho. «Anda!», gritavam-lhe os homens de cima, mas ele não conseguia alcançar suas mãos estendidas. Acabou se agarrando com dificuldade a uma das cordas esticadas entre as árvores, a cerca de 90 cm do solo. Exausto, equilibrando-se na corda, enrolou o cobertor em torno da árvore e amarrou-o às costas. «Meu Deus», pediu num sussurro, «quero viver.»

O rio havia atingido o peito de Faqir. Seguro de que todos os seus homens estavam agora acima da enxurrada montante, ele atirou o telefone de campanha por cima do ombro e trepou no pinheiro.

«O nível da água continua a subir», relatou ao major Khan. «Tenho dificuldade de segurar o telefone e me agarrar à árvore ao mesmo tempo. Por favor, olhe por minha mulher e meus filhos, se eu morrer.» Lá embaixo, troncos enormes passavam

pelo campo inundado, arrasando à sua frente tendas, latas de mantimentos e mulas.

9.30. A esta hora, a ilha estava completamente submersa. A temperatura da água não devia ultrapassar os 0°C, enquanto o ar da noite, úmido de chuva, estava pouco acima dos 3°. Pendurado num frágil galho de salgueiro 90 cm acima da torrente, Muhammad Nazir, o jovem sentinela, se sentia desesperado. «Não tenho chance de sair dessa», pensava ele. «Que vai ser do meu filho e da minha filha? Não poderão me conhecer.»

Precariamente equilibrado numa corda amarrada entre duas árvores, Ghulam Hussain sentiu a água chegar-lhe aos tornozelos e depois aos joelhos. Os troncos se chocavam contra o pinheiro ao qual ele se agarrava, sacudindo-o pelas raízes. De repente, um tronco colossal bateu na árvore e ele sentiu-a ceder e tombar lentamente. Os homens que estavam acima dele gritavam.

Ao mergulhar na água gelada e revolta, Hussain tentou manter a coragem. «Estamos perdidos», pensou ele, mas surpreendentemente a árvore parou de se mexer. A corda que atava o pinheiro ao salgueiro se mantivera firme, deixando a árvore em posição horizontal na superfície da água. Hussain ficou submerso, agarrado ao tronco, mas numa explosão de energia desesperada, ergueu-se e sentou-se de pernas abertas sobre o tronco. Ouvia os outros no escuro lutando para se firmarem.

Perto da aurora, o enorme pinhei-

ro onde Muhammad Faqir, o comandante, se refugiara começou a oscilar furiosamente, à medida que os troncos soltos batiam nele, e de repente tombou. Gritos de terror ergueram-se na noite, até se desvanecerem no rugido ensurdecedor do rio. Num instante, mais de 20 vidas haviam sido ceifadas.

6 horas de quinta-feira. Quando a paisagem se revelou completamente na madrugada chuvosa, deparou-se a Chaudhry Saddique uma visão infernal. Algumas árvores haviam desaparecido; em outras que restavam, os corpos dos soldados que a elas se tinham agarrado pendiam inertes onde eles se tinham afogado. A enxurrada continuava indomável. Saddique sabia que tinha de fazer qualquer coisa.

Pelo meio da manhã, da margem, as milícias viram dois jovens muladeiros ceder ao desespero e escorregar para a água e a morte. Por breves momentos, a esperança cresceu quando quatro milicianos lançaram na água uma jangada improvisada para tentar chegar junto dos sobreviventes, mas quase no mesmo instante ela submergiu sob ondas demolidoras, obrigando-os então a retroceder.

O major Khan conseguiu por fim entrar em contato com o brigadeiro Qadir, comandante regional de Kel, a 47 km de distância. «A situação é desesperadora», disse o major. «Nada mais podemos fazer.»

«Só um homem no Paquistão nos pode valer agora», respondeu o brigadeiro.

O CORONEL Zakaullah Bhangoo tencionava passar seu dia de folga com os dois filhos, mas o telefone tocou em sua casa em Rawalpindi e ele atendeu com um suspiro. Na linha, estava o brigadeiro Qadir com notícias sobre os muladeiros encurralados. «Estão sem alimentos nem água há 36 horas e o rio continua a subir», disse ele. «Só o senhor poderá salvá-los.»

Bhangoo, homem de 47 anos, era um dos mais experientes pilotos de helicóptero do exército paquistanês. Sobrevoara os remotos vales do Norte e reconhecia os cumes da região. «Tenha à mão uma escada de corda quando chegarmos», respondeu ele.

Meia hora depois, Bhangoo e seu co-piloto, o major Shahid Rana, de 38 anos, instalados num helicóptero Puma, rumavam em direção ao norte, ao longo das vertentes florestadas dos morros, esquivando-se das nuvens negras de tempestade. Depois, pousou em Kel, recolheu a escada de corda e levantou vôo imediatamente. Se a noite caísse, seria impossível identificar os homens encurralados.

16 horas. Rana pilotou o Puma para a margem lamacenta onde estavam reunidos os homens da milícia e ali Bhangoo desceu. «Precisamos de peso na corda para mantê-la estável», gritou, acima do ruído do rotor. «Alguém vai ter de ficar na extremidade da escada. Preciso de um voluntário.»

Chaudhry Saddique nunca pusera o pé num helicóptero, mas du-

rante cerca de 36 horas suportara a agonia do desfalecimento progressivo dos homens nas árvores. Sua compleição seca não desmentia a resistência criada por uma vida passada a galgar e descer os traiçoeiros picos da Caxemira. «A natureza me deu força», pensou ele. «Farei tudo para salvar aqueles homens.»

Depois, Chaudhry deu um passo em frente, para se fazer notar. «Rápido!», berrou Bhangoo. «Não há tempo a perder.»

Mal enfiou as pernas num dos degraus da escada, Saddique se sentiu erguido no ar. Minutos depois, Ghulam Hussain observou a escada carregando Saddique na ponta descer ao lado dos homens que estavam sobre o tronco. Tanto quanto ele queria não se soltar dali, sabia que seu dever era que os mais jovens fossem os primeiros a ser salvos.

«Não se apressa, você poderia cair», gritou Hussain para Saddique, que oscilava cada vez mais próximo do alvo. Se perdesse o equilíbrio, estaria perdido. Prendeu o degrau mole com os joelhos e estendeu os braços. «Agarre minhas mãos!», comandou. Um a um, foi puxando os homens, que então enfiavam os pés pelos degraus da escada. Depois, o helicóptero se elevava, transportando um, dois, três ao mesmo tempo sobre a corrente enfurecida.

Por fim, chegou a vez de Hussain. Com a escada diante de si, ele procurou erguer o braço dormente. Acabou conseguindo tocar na corda com a mão e, meio inconsciente, sentiu-se elevar no ar. Estenderam-no numa

maca. «Agüente aí», disse alguém. «Você está quase chegando em casa.»

17.30. Com o declinar do dia, Bhangoo, preocupado, olhou para baixo. Ainda havia cinco homens num salgueiro, mas as árvores próximas deixavam pouco espaço de manobra. O Puma investiu e ele sentiu gelar seu sangue quando o helicóptero tocou nas copas das árvores.

Com o corpo praticamente todo de fora da nacele, Bhangoo foi orientando o co-piloto. Com nervos de aço, Rana colocou o aparelho bem em cima da árvore mais alta e foi pressionando os ramos até a escada de corda chegar ao nível dos homens. «Não se assustem», gritou para eles Saddique ao se aproximar.

Um a um, ele ajudou aqueles homens a agarrar a escada. Muhammad Nazir estava praticamente invisível, onde se agarrara ao tronco, no interior da ramagem. «Vou buscar você aí.»

Usando seu peso como pêndulo, o miliciano oscilou até conseguir entrar pelos ramos. Por diversas vezes, quando parecia que Nazir estava prestes a agarrar a escada, ela ficava presa em algum galho e lhe fugia.

Saddique se agüentava agora à custa de sua força de vontade. Tinha os braços doloridos e dormentes por causa do frio e da fadiga, mas estava determinado a continuar.

Por fim, atirou-se em direção à árvore, agarrou os galhos e com um impulso final lançou-se de encontro ao braço estendido de Nazir. Este conseguiu a custo segurar a escada, que depois se elevou acima das águas. Os dois homens vinham fortemente agarrados. «Meu Deus, salvaste a minha vida!», gritou Nazir, aterrorizado.

Depois de ter resgatado o último homem, Saddique foi içado da escada por seus camaradas. Os olhos injetados pareciam saltar-lhe do rosto, de uma palidez mortal, e seus dentes batiam descontroladamente. «Estou bem», gemeu, lutando por se manter de pé, após o que desmaiou. Os homens o embrulharam imediatamente num cobertor e o levaram.

Ao todo, a equipe do helicóptero salvara 34 homens. Segundo o médico militar, nenhum teria sobrevivido a mais uma noite gélida.

Muhammad Nazir e Ghulam Hus-sain continuam a subir as montanhas da Caxemira com o Regimento de Transporte Animal. A pensão militar de Muhammad Faqir vai permitir à sua viúva a compra do terreno que era o sonho do marido. O piloto Zakaulah Bhangoo foi promovido a brigadeiro, e Chaudhry Saddique poderá ainda realizar seu sonho de fazer parte dos comandos do exército paquistanês.

ILUSTRAÇÃO: JOHN SOLIE

AS LOJAS contratam ajuda extra para os feriados. Dessa forma, clientes que não sabem o que querem são ajudados por pessoas que não sabem onde as coisas estão.

— H. K. Simon Co.